

A sombra tenebrosa do bolsonarismo



Por **LEONARDO BOFF***

Se não derrotarmos eleitoralmente o inominável atual presidente, o país se moverá de crise em crise, criando uma corrente de sombras

A situação nacional, num cenário eleitoral, se obscureceu e ganhou contornos perturbadores, seja de ruptura constitucional, seja de grave e violenta convulsão social. Quando o atual e sinistro presidente afirma, publicamente, que só reconhecerá um resultado eleitoral, vale dizer, a sua reeleição, caso contrário, questionaria as urnas eletrônicas ou convocaria seus seguidores armados, provavelmente, os milicianos e então ocorreria grave perturbação.

Ele é tão pouco político e desvairado que nem esconde o jogo. Revela-o às claras. Tal comportamento de um chefe de Estado que se caracteriza por constantes ameaças às instituições e pelo permanente descaso da situação dramática do país, em especial, das mais de 660 mil vítimas do Covid-19, dos milhões de famintos, dos de insuficiência alimentar, dos desempregados nos provoca graves preocupações e sérias apreensões.

As razões da irrupção da sombra bolsonarista

Precisamos tentar entender o porquê irrompeu esta onda de ódio, de mentiras como método de governo, de *fake news*, de calúnias e de corrupção governamental, impedida de ser investigada. Vieram-me à mente duas categorias: uma da psicanálise junguiana, a da “sombra” e outra da grande tradição oriental do budismo e afins e entre nós, do espiritismo, o “karma”.

A categoria de sombra, presente em cada pessoa ou coletividade, é constituída por aqueles elementos negativos que nos custa aceitar, que procuramos esquecer ou mesmo recalcar, enviando-os ao inconsciente seja pessoal seja coletivo.

Cinco sombras na história do Brasil

Efetivamente, cinco grandes sombras marcam a história político-social de nosso país: o genocídio indígena, persistente até hoje; o colonização que nos impediu que ter um projeto próprio, de um povo livre; o escravagismo, uma de nossas vergonhas nacionais, pois, implicava tratar o escravo como coisa, “peça”, posta no mercado para ser comprada e vendida e submetida constantemente à chibata e ao desprezo; a permanência da conciliação entre si, dos representantes das classes dominantes, seja herdeiras da Casa Grande ou do industrialismo especialmente a partir de São Paulo. Estes nunca pensaram num projeto nacional que incluísse o povo, projeto somente deles para eles, capazes de controlar o Estado, ocupar seus aparelhos e ganhar fortunas nos projetos estatais. Por esta razão emerge uma quinta sombra a “democracia de baixa intensidade” que perdura até hoje e atualmente mostra grande debilidade. Medida pelo respeito à constituição, aos direitos humanos pessoais e sociais e pelo nível de participação popular comparece antes como uma farsa do que, realmente, uma democracia consolidada.

Sempre que algum líder político com ideias reformistas, vindo do andar de baixo, da senzala social, apresenta um projeto

mais amplo que abrange o povo com políticas sociais inclusivas, estas forças de conciliação, com seu braço ideológico, os grandes meios de comunicação, como jornais, rádios e canais de televisão, associados a parlamentares e a setores importantes do judiciário, usaram o recurso do golpe seja militar (1964), seja jurídico-político-mediático (1968) para garantir seus privilégios. Difamam, perseguem e até, sem base jurídica, colocam na prisão as lideranças populares. O desprezo e o ódio, outrora dirigidos aos escravos, foi transferido covardemente aos pobres e miseráveis, condenados a viver sempre na exclusão. É o método denunciado pelo sociólogo Jessé Souza em seu clássico *A elite do atraso* (2017). Esta sombra paira sobre a atmosfera social de nosso país. É sempre ideologicamente escondida, negada e recalcada.

A visibilidade da sombra bolsonarista

Com o atual inominável como presidente e com o séquito de seus seguidores, o que era oculto e recalcado saiu do armário. Sempre estava lá, recolhido mas atuante, impedindo que nossa sociedade, dominada pela elite do atraso, fizesse as transformações necessárias e continuasse com uma característica conservadora e, em alguns campos, como nos costumes, até reacionária.

As cinco sombras referidas acima se tornaram visíveis no bolsonarismo e em seu “*cappo*”: a magnificação da violência até da tortura, o racismo cultural, a homofobia, contra os de outra opção sexual, o desprezo ao afrodescendente, ao indígena, à mulher e ao pobre. É de estranhar que muitos, até pessoas sensatas, possam seguir uma figura tão boçal, deseducada e sem qualquer empatia pelos sofredores deste nosso país e do mundo.

Essa é uma explicação, certamente, não exaustiva, através da sombra que sub-jaz às várias crises que atravessam toda a sociedade.

A outra categoria é a do *karma*. Para conferir-lhe algum grau analítico e não apenas metafísico (o destino humano) valhume de um longo diálogo entre o grande historiador inglês Arnold Toynbee e Daisaku Ikeda, eminente filósofo japonês, recolhido no livro *Elige la vida* (Emecé). O *karma* é um termo sânscrito originalmente significando força e movimento, concentrado na palavra “ação” que provocava sua correspondente “re-ação”. Aplica-se aos indivíduos e também às coletividades.

Cada pessoa é marcada pelas ações que praticou em vida. Essa ação não se restringe à pessoa, mas conota todo o ambiente. Trata-se de uma espécie de conta-corrente ética cujo saldo está em constante mutação consoante as ações boas ou más que são feitas, vale dizer, os “débitos e os créditos”. Mesmo depois da morte, a pessoa, na crença budista, carrega esta conta; por isso se reencarna para que, por vários renascimentos, possa zerar a conta negativa.

Para Arnold Toynbee não se precisa recorrer à hipótese dos muitos renascimentos porque a rede de vínculos garante a continuidade do destino de um povo. As realidades kármicas impregnam as instituições, as paisagens, configuram as pessoas e marcam o estilo singular de um povo. Esta força kármica atua na história, marcando os fatos benéficos ou maléficos, coisa já vista por C. G. Jung em suas análises psico-sócio-históricas.

Arnold Toynbee em sua grande obra em dez volumes *Um Estudo da História* (A Study of History) trabalha a chave desafio-resposta (*challenge - response*) e vê sentido na categoria do *karma*. Mas dá-lhe outra versão que me parece esclarecedora e nos ajuda entender um pouco as sombras nacionais e a sombra bolsonarista.

A história é feita de redes relacionais dentro das quais está inserida cada pessoa, ligada com as que a precederam e com as presentes. Há um funcionamento kármico na história de um povo e de suas instituições consoante os níveis de bondade e justiça ou de maldade e injustiça que produziram ao largo do tempo. Este seria uma espécie de campo mórfico que permaneceria impregnando tudo.

A arrogância europeia e a bolsonarista

Vejamos o exemplo da cultura europeia ocidental. Ele criou a modernidade e projetou o ideal do ser humano como *dominus*, senhor de tudo, dos povos, dos continentes, da Terra, da vida e até os últimos elementos da matéria. Impôs-se

globalmente a ferro e fogo e gerou as principais guerras, especialmente, as duas mundiais e atualmente, através da OTAN, apoiando a guerra na Ucrânia.

No dizer do grande e discutido analista Samuel P. Huntington em seu conhecido livro *Choque de civilizações* (1997): “A intervenção ocidental nos assuntos de outras civilizações provavelmente constitui a mais perigosa fonte de instabilidade e de um possível conflito global num mundo multi-civilizacional” (p. 397). É a famosa arrogância ocidental de possuir a melhor religião (cristianismo), a melhor ciência e tecnologia, a melhor sociedade, a melhor democracia, a melhor cultura, tudo melhor etc. Respeitadas as diferenças, semelhante juízo se aplica também à arrogância bolsonarista, do presidente e de muitos de seus ministros.

Tanto Toynbee quanto Ikeda concordam nisso: “a sociedade moderna (nós incluídos) só pode ser curada de sua carga kármica, acrescentaríamos, de sua sombra, através de uma revolução espiritual no coração e na mente, na linha da justiça compensatória e de políticas sanadoras com instituições justas.

Como desfazer as sombras e o karma negativo

Entretanto, elas sozinhas não são suficientes e não desfarão as sombras e o *karma* negativo. Faz-se mister o amor, a solidariedade, a compaixão e uma profunda humanidade para com as vítimas. O amor será o motor mais eficaz porque ele, no fundo, afirmam Toynbee e Ikeda “é a última realidade”.

Uma sociedade, perpassada pelo ódio e pela mentira como no bolsonarismo e incapaz de efetivamente amar e de ser menos malvada, jamais desconstruirá uma história tão marcada pelas sombras e pelo *karma* negativo como a nossa. Isso vale especificamente pelos modos rudes, ofensivos e mentirosos do atual presidente do Brasil.

Não apregoam outra coisa os mestres da humanidade, como Jesus, São Francisco de Assis, Dalai Lama, Gandhi, Luther King Jr e o Papa Francisco? Só a dimensão de luz e o *karma* do bem livram e redimem a sociedade da força das sombras tenebrosas e das kármicas do mal.

Se não derrotarmos eleitoralmente o inominável atual presidente, o país se moverá de crise em crise, criando uma corrente de sombras e *karmas* destrutivos, comprometendo seu próprio futuro. Mas a luz e a energia do positivo sempre se mostraram historicamente mais poderosas que as sombras e o *karma* negativo. Estamos seguros de que serão elas que escreverão a página definitiva da história de um povo.

***Leonardo Boff** é teólogo e filósofo. Autor, entre outros livros, de Brasil: concluir a refundação ou prolongar a dependência (Vozes).